



**cada leitura,
uma experiência**

Fabrício Veliq
Felipe Magalhães Francisco

TEOLOGIA NO SÉCULO 21

NOVOS CONTEXTOS E FRONTEIRAS





*Aos nossos alunos e alunas,
como convite a que se despertem pelo frescor teológico,
propiciado pelas novas fronteiras e contextos.*

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
1. O Pós-Cristianismo e um Cristianismo Híbrido	17
O fato pós-cristianismo no mundo	17
O neopentecostalismo	30
Um cristianismo híbrido	39
Vivência e pertença comunitária nesse cristianismo híbrido	43
2. As urgências da Teologia para nossos tempos	51
Um olhar para a realidade: o “e agora?” da Teologia	52
Redescobrir a atuação da Graça no mundo: perspectivas de sacramentalidade	63
3. O serviço público da Teologia, num mundo pós-cristão	85
A pretensão de saber “universal” da Teologia: limites e possibilidades	87
A necessidade de atualização da linguagem teológica para o século 21	93

A teologia nas fronteiras existenciais: a importância da <i>parresia</i>	97
A proposta de uma teologia de acolhimento tecnológico-virtual	100
Teologia e tecnologia: rumo a uma teologia do acolhimento tecnológico-virtual	105
Posfácio	111
Referências	113

PREFÁCIO

Hoje, se a teologia quiser ser relevante, ela somente pode sê-lo se for dialógica. Seria inconcebível pensar na possibilidade de uma teologia que queira ser relevante se não for através do diálogo. Mas, para dialogar, devemos primeiro aprender a ouvir aqueles que queremos que sejam nossos interlocutores. Na verdade, a teologia emerge da profundidade da escuta atenta e simultânea da Palavra de Deus e da voz que emerge da realidade contemporânea. A relevância da teologia está precisamente em saber como combinar ambas as escutas, para ser honesto com Deus e honesto com a realidade.

Diante de uma inegável mudança de época, não podemos ficar à margem de uma afirmação que, embora óbvia, deve ser explicitada: o cristianismo transformou-se! E, por essa razão, a tarefa da teologia é desafiada a ser responsável não apenas pela realidade mais ampla, mas a ser responsável pelos processos de transformação do próprio cristianismo.

Portanto, o que está em jogo é encontrar um modelo de teologia que responda aos desafios contemporâneos, para que ele não fique apenas às margens do passado, mas possa mergulhar nas profundezas turbulentas de nosso tempo e tocar os problemas que são

gerados no coração das múltiplas realizações históricas contemporâneas do cristianismo.

O cristianismo está em crise. Os desvios das atitudes cristãs evangélicas são galopantes em nossos contextos latino-americanos. O fundamentalismo declina-se em várias formas e o ultraconservadorismo está ganhando terreno no cenário eclesial. Por exemplo, há uma necessidade urgente de interpretar a Eucaristia corretamente e, da mesma forma, o dízimo deve ser interpretado, indo além da compreensão da teologia da prosperidade e da retribuição. O exercício honesto da reflexão teológica deve alcançar a diversidade das fronteiras contemporâneas, para permanecer nelas com uma atitude de abertura e discernimento em um modo de conversa permanente, sem se desencorajar diante o enrijecimento da mente e do coração. Este esforço dialógico da teologia pode contribuir para quebrar a multiplicidade de tentações do fundamentalismo contemporâneo.

Para o exercício de uma teologia dialógica, há um caminho inevitável: refazer os passos de Jesus. Esse retorno progressivo a Jesus de Nazaré, que nos conecta com sua maneira única de deixar-se encontrar e estabelecer relações. O retorno a Jesus supõe entrar na lógica de sua pedagogia, a lógica do aprendizado do mestre da Galileia que, a partir da contemplação de sua prática, nos ensina a engendrar à vida de Deus em nossos contemporâneos que estão em processo de busca.

Desta forma, aprendendo do Senhor Jesus, podemos aprender seu caminho e recuperar a capacidade da teologia de dialogar com os mais simples até o ponto de sermos compreendidos por eles. Alcançar este ponto significa abandonar toda pretensão de superioridade e deixar para trás a lógica do teólogo iluminado que prefere entender a cultura, religião e espiritualidade dos outros a partir de uma atitude civilizadora, muitas vezes camuflada na missão evangelizadora, jun-

tamente com o desejo secreto de purificar o que ele considera impuro ou ainda não cristão. Para superar tais atitudes, será necessário passar da lógica da hostilidade para a da hospitalidade. Isto será possível com uma teologia do acolhimento que seja, ao mesmo tempo, interdisciplinar, hermenêutica, ecumênica e dialógica.

Este é o horizonte que o livro de Fabrício Veliq e Felipe Magalhães Francisco nos propõe de uma forma provocadora e precisa. É o trabalho de dois teólogos, um deles da tradição protestante e o outro da tradição católica, que concebem seu trabalho de reflexão teológica necessariamente em chave dialógica, e o demonstram na prática com um livro conjunto onde fazem convergir suas diferentes vozes na busca de um autêntico cristianismo evangélico. Sua proposta é tornar a teologia pertinente e de relevância pública, passando por uma profunda renovação das atitudes teológicas de outrora, buscando a forma da humildade como estilo de reflexão, de modo que isto abra as possibilidades para um verdadeiro aprendizado teológico.

Cochabamba, 25 de julho de 2020

Manuel Hurtado, SJ

INTRODUÇÃO

“Uma coisa disse Deus, duas escutei [...]”

Salmo 62,12

Deus continua a se comunicar conosco. O que chamamos, costumadamente, de Revelação, em nossos ambientes teológicos e cristãos, continua se desdobrando em nossa história. Essa consciência é fundamental para uma teologia - e um cristianismo! - que queiram ser pertinentes no século 21. Em muitos círculos de “educação” da e para a fé cristã, o que se tem é uma escolarização dos conteúdos de fé: o conjunto de crenças mais parece um bloco temático de verdades absolutas. Essa realidade tem crescido nos círculos cristãos. A postura defensiva do discurso cristão é um empecilho às experiências autênticas com o Deus de Jesus Cristo, uma vez que a fé não nasce da racionalização de credos.

A fé precisa ser lida com inteligência. O mundo, igualmente. Ler desde dentro, como escuta atenta: discernir os espíritos é um dom espiritual urgente ao nosso labor teológico, neste nosso século. Essa é a motivação que nos fez debruçar sobre este texto: provocar e sugerir um olhar mais atento ao mundo que nos cerca, em cuja construção somos colaboradores. Este é um livro que não traz respostas, tampouco inaugura uma teologia. É um texto que provoca,

que convida a unir forças para fazer uma teologia que dialogue, com pertinência e inteligência evangélicas, com a sociedade contemporânea. Trata-se de um ponto de partida, no intuito de darmos um passo no caminho de tornar pública a teologia.

Essa reflexão-provocação já nasce como uma união de forças: esse é um livro nascido ecumênico; que pratica ecumenismo naturalmente, como um valor irrenunciável. Dedicamo-nos ao que realmente importa à fé cristã, e ao discurso sobre ela, em nosso tempo: voltar a Jesus e ao seu Evangelho, para dialogar com o mundo pós-cristão em que vivemos e no qual insistimos em continuar crendo. Nesse sentido, reconhecer que a Revelação continua a se desdobrar em nossa história se faz importante, a fim de que não reciclemos respostas e posturas, mas que sejamos ousados, segundo o Espírito, para bem exercer nossa missão.

“Uma coisa Deus disse, duas eu escutei” (Salmo 62,12). A Palavra de Deus continua a ecoar no mundo e na história. Discerni-la e torná-la audível é o papel dos teólogos e teólogas. Dito de outra maneira: a Palavra de Deus, que é o Filho, continua a assumir a carne do mundo e precisamos tocá-la, para ter parte com ela (cf. João 6,57-58). A postura cristã nesse mundo cada vez mais plural deve ser a do diálogo, que antes escuta e lê, para depois se expressar. Ler desde dentro, insistimos: encontrar os traços da Palavra encarnada em nossa cultura, em nossa história, na diversidade que nos compõe. Escutar, igualmente, os gritos sedentos de uma palavra de sentido à vida dos homens e mulheres de nosso tempo, e propor uma palavra que seja verdadeira e teologicamente responsável, bem como realmente digna de fé.

Nesse livro, nosso esforço teológico foi o de, primeiramente, situar o cristianismo e, em decorrência dele, a teologia, no contexto em que estamos inseridos. Para tal, voltamos o olhar para a história

que nos precede e que tornou possível que chegássemos ao estado em que nos encontramos. Primeiro, portanto, olhar para o mundo, para, em seguida, interrogarmo-nos sobre o lugar, a legitimidade e o papel da teologia nesse mundo. A realidade nos provoca e deve nos desinstalar, tirar-nos do conforto conformista no qual o cristianismo muitas vezes optou por se ancorar. Somente depois desse caminho de leitura atenta e discernimento é que permitimos levantar questões, hipóteses, perspectivas que, segundo nossa leitura, são sinais dos tempos aos quais não devemos negligenciar. Esse é o itinerário que adotamos nesse texto.

No primeiro capítulo, propomos uma leitura, em grande medida histórica e reflexiva, a respeito dos processos político, científico e religioso que nos trouxeram a esse contexto que podemos chamar de pós-cristianismo. Uma vez empreendida essa leitura, foi-nos possível voltarmos o olhar para o contexto brasileiro, com especial enfoque ao neopentecostalismo, tão em voga nos meios cristãos atuais. Todo esse processo de transformações foi acompanhado pelo cristianismo, tanto católico como protestante, de uma maneira que nos interpela, atualmente, a novas posturas teológicas, diante do fenômeno que aqui chamamos de “cristianismo híbrido”.

Tudo isso nos permitiu situar a questão que, propriamente, nos inspirou a nos dedicar a esse trabalho: o papel da teologia cristã num novo horizonte, e num novo mundo que se descortinou para nós. Essa é, pois, a questão que norteia o segundo capítulo. Num primeiro momento, fizemos uma leitura panorâmica da postura da teologia, diante de uma série de interpelações que o tempo foi levantando, para, enfim, podermos refletir a respeito de “qual Deus” é digno de fé para a contemporaneidade, como pergunta incontornável à qual a teologia deve se debruçar. A partir disso, foi possível refletir sobre como interpretar, experimentar e anunciar a graça de